



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO I

Nº. 3

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente SÓ" **BRUSQUE — ONTEM E HOJE**

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajai-Mirim

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Assinatura anual: Cr\$ 20,00

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

ANO I

Julho, Agosto e Setembro de 1977

Nº 3

Sumário

	Página
— Pe. José Artulino Been: Os mais antigos documentos sobre Azambuja. Estudo.	46
— Afonso Imhof: "A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-mirim: um estudo de desenvolvimento econômico". Resenha.	51
— Ayres Gevaerd: Personalidades do passado brusquense. Mutter Jonk e Guilherme Wiethorn Filho. Crônica	53
— Ayres Gevaerd: "Cinematographo" - Crônica	56
— DOMUMENTAÇÃO: 1) Relatório do Diretor Interino João André Cogoy Junior (conclusão)	58
2) Relação dos Colonos entrados na Colônia Itajahy (Brusque) em 1860	60
3) Os últimos documentos da Administração João André Cogoy Jor.	66
4) Os primeiros documentos de 1862, firmados pelo Diretor Barão de Schneéburg.	69
5) Autobiografia do Pastor Johan Anton Heinrich Sandreczki.	73
— SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE (SAB): Novo Conselho Diretor, para o biênio 1977-1979.	75
— A primeira Banda Musical de Brusque	76

CAPA — Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau. O clichê representa o centro da Vila no início do século, a atual Praça Barão de Schneéburg. Foto obtida do alto da Igreja Católica.

OS MAIS ANTIGOS DOCUMENTOS DE AZAMBUJA

Pe. José Artulino Besen

Situada a três quilômetros de Brusque, Azambuja é um Vale estreito (de 200 x 100 metros), morros de 100 a 150 metros de altura. O Vale é atravessado por um regato, hoje canalizado subterraneamente em quase toda a sua extensão.

Inicialmente chamado "Caminho do Ribeirão" ou "Caminho do Meio", a localidade tomou o nome de Azambuja devido ao nome do director do Departamento de Terras, Conselheiro Dr. Bernardo Augusto Nascentes d'Azambuja.

Seguindo um estudo realizado pelo Pe. Raulino Reitz, se fôssemos analisar este Vale do ponto de vista geológica, situa-lo-íamos no Algonquiano. As rochas de Azambuja pertencem à "série Brusque", que ocorre ao longo do rio Itajaí-mirim. Esta Série Geológica é formada de quartzitos, filitos (rocha sobre a qual está alicerçado o Seminário Metropolitano) e mármore.

Durante o Mesozóico, imensas florestas de coníferas (pinheiros) cobriram quase todo o Estado de Santa Catarina, também Azambuja. No Museu Arquidiocesano Dom Joaquim pode-se ver um exemplar destes pinheiros, petrificado. No reino animal dominavam os répteis. Entre os últimos 1 a 60 milhões de anos produziram-se grandes movimentos na crosta terrestre, gerando cadeias de montanhas na região andina. Como reflexo deste movimento, a Serra do Mar, em Santa Catarina, sofreu um desequilíbrio, fratu-

rando-se e mergulhando, sob as águas oceânicas, extensa parte do leste catarinense, juntamente com Azambuja.

No último milhão de anos, terminado este movimento de submersão e, equilibradas as tensões da crosta terrestre, começam a surgir, em Santa Catarina, as terras antes mergulhadas. Assim Azambuja, que passou alguns milhões de anos submersa, emerge no período Quaternário, estando hoje a 35 metros sobre o nível do mar. As pedras encontradas a dez metros de profundidade, nas sondagens, para o assentamento das estacas de concreto do Seminário, mostram antigos níveis de água, quando o solo ainda estava mais baixo.

Outro fato curioso é a passagem do rio Itajaí-açu por Azambuja, onde formava um cotovelo, rumando depois para sua foz atual, na cidade de Itajaí. O testemunho deste acontecimento é a enorme massa de cascalho que cobre as colinas com cerca de 50 metros acima da rua Azambuja, que então ocupava a altura do leito do rio. O Itajaí-Açu vinha de Gaspar até Azambuja, onde dobrava, descendo pelo atual leito do Itajaí-mirim. Só bem nos últimos tempos abriu novo caminho, de Gaspar diretamente até Itajaí.

A fisionomia atual de Azambuja é o resultado de morfogênese recente por erosão dos córregos que banham o estreito Vale.

•
A história dos primeiros colo-

nos que colonizaram Azambuja confunde-se com a história da pobreza de pioneiros que trocam seu torrão natal para viver melhores dias em outras terras. Aqui encontraram um terreno ingrato, onde pouca coisa se podia cultivar.

No ano de 1875 começam a chegar a Brusque os primeiros colonos de proveniência italiana. Em 1876 já se encontravam na Colônia cerca de 1.300 italianos, número que tende a engrossar dia por dia. Como vão chegando também franceses e poloneses, torna-se sempre mais difícil arranjar terras para todos e cumprir o contrato assinado na Europa antes da partida: assegurava-lhes seis meses de alojamento e sustento, grátis!

Apesar das cartas do Diretor — Dr. Luis Betim Paes Leme — mais e mais levas de colonos aportam na Colônia, criando uma situação financeiramente caótica. É que os agentes do Governo Brasileiro na Europa, no afã de aliciar colonos — pois ganhavam “por cabeça” — faziam promessas excessivas, levando os europeus a pensar aqui reencontrar o “Eldorado”.

Alguns, principalmente italianos, preferem partir para o Rio da Prata, onde encontrariam melhores condições de vida. Tal sucede principalmente se são solteiros. Apesar do congestionamento da Colônia, em outubro chegam mais 521 imigrantes italianos, provenientes de Gênova. E em fevereiro de 1877, do mesmo lugar, mais 467...

E é da leva aqui chegada no final de 75 que nasce a história de

Azambuja. Os alemães pouco tem a ver com a história deste Vale, hoje aprazível recanto de oração, saúde e formação.

•
Moravam em Treviglio (Itália) e, no dia 22 de outubro de 1875, embarcaram em Le Havre (França), com destino ao Brasil. Eram 35 famílias, com vontade de permanecer sempre unidas nas novas terras. Mas, foi impossível: a terra era pouca, uns não gostavam do lugar, outros queriam outro e assim somente 9 permaneceram no Vale do Azambuja. Os primeiros colonos: Pietro Colzani, Girolamo Tomasini, Angelo Colzani, Paolo Benaglio, Angelo Bosco, Francesco Leoni, Carlo Franziosi, Dalmazio Paoli e Antonio Vannoli.

Voltemos um passo. Os terrenos foram divididos em 16 lotes coloniais, ao longo do Ribeirão Azambuja, pelas margens direita e esquerda.

Já se encontravam três famílias morando em Azambuja; conhecemos as do Sr. Jacob Knihs e de José Cipriani, dentista-sapateiro que residia no local onde hoje se vê o Santuário. Era proveniente do Tirol Italiano e foi para Nova Trento, pouco depois da chegada das novas famílias.

Devido às precárias condições do Vale, anos mais tarde alguns colonos procuraram outras regiões. Os Tomasini foram para Luiz Alves, o mesmo fazendo os Bosco; a família Paoli foi para Pedras Grandes e os Colzani para Porto Franco. Mas deixaram descendentes em Azambuja.

Todos eram muito pobres. Somente o Sr. Jacob Knihs, possui-

dor de uma venda, no local do atual Museu, tinha melhores condições; explorava ainda um moinho de milho: pagava-se em dias de serviço os trabalhos prestados.

Plantavam mandioca, banana, cana-de-açúcar, feijão. Possuíam engenhos de açúcar e farinha, hidráulicos. O dos Tomasini ficava na entrada da atual Praça de Azambuja: movido com as águas de uma pequena represa situada no local do atual Hospital.

Vendiam os produtos na cidade, principalmente aos negociantes Krieger e Bauer. Porém, a maior parte dos produtos destinava-se à subsistência.

Comidas principais eram o feijão cozido, com canjica, alface com polenta, polenta com abóbora frita, linguça, pouca carne.

Seu primeiro gesto comunitário, ou de integração comunitária, foi o projeto de construir uma pequena Capela, onde venerar a "Madona" de Caravaggio, sua protetora nas terras do além-mar. E deste projeto nasce o primeiro Documento sobre Azambuja, que reproduziremos neste número, numa tradução, sobre o original italiano, feita pelo Pe. Ney Brasil Pereira, o primeiro historiador de Azambuja. Igualmente suas são as outras traduções.

Talvez estes documentos elaborem melhor do que qualquer outra dissertação, a história inicial deste Vale, hoje o Santuário Mariano de Santa Catarina.

I — MEMÓRIA

"As famílias vindas do distrito de Treviglio (Itália), no dia 22 de outubro de 1875, para emigrarem para o Brasil, depois de embarcarem em Le Havre (França), com-

binaram entre si que ficariam sempre unidas. Para isso levantariam uma Igrejinha ou Capela em honra da "Madona" de Caravaggio. Assim, chegados ao Brasil e tendo vindo para a província de Santa Catarina, fizeram o impossível para ficar unidas, mas não houve meio! Isso, porque alguns não se agradavam desse Vale (valata), outros não queriam aquele... e, de mais, não era possível acomodar a todos num só Vale! Desse modo, foram constrangidos a se instalar conforme aos próprios interesses, e separaram-se quase todos: alguns foram para a Argentina; outros, voltaram à Pátria; outros, espalharam-se por diferentes províncias do Brasil. Restaram só os que tinham ficado no Vale de Azambuja, os quais eram poucos para fazer uma Capela.

Contudo, com o auxílio de outros companheiros — ao todo em número de nove famílias — construíram a almejada Capela com as dimensões de 36 metros quadrados. Construíram-na de tijolos para que ficassem mais segura e as despesas fossem menores, pois que tudo fizeram ali, isto é, os tijolos, as telhas e (...).

II — Relação dos Colonos do Vale de Azambuja que, em abril e maio de 1885, de acordo entre si, construíram, no referido vale, uma igrejinha dedicada a Nossa Senhora de Caravaggio:

1. Pietro Colzani, que fez doação do terreno para a referida Capela, inclusive a pracinha na frente e o lugar para se fazer a Sacristia e mais um metro ao redor de toda a construção. Além disso, foi companheiro no trabalho e nas

despesas, como os outros. E tudo gratuitamente.

2. Girolamo Tomasini — trabalho e despesas grátis

3. Angelo Colzani — trabalho e despesas grátis

4. Paolo Benaglio — trabalho e despesas grátis

5. Angelo Bosco — trabalho e despesas grátis

6. — Francesco Leoni — trabalho e despesas grátis

7. Carlo Franziosi — trabalho e despesas grátis

8. Dalmazio Paoli — trabalho e despesas grátis

9. Antônio Vanolli — trabalho e despesas grátis.

III — Relação dos Colonos do Vale de Azambuja que, de acordo entre si, construíram a pequena Igreja no referido Vale, dedicada a Nossa Senhora de Caravaggio .

Os infra-escritos colonos do Vale de Azambuja, desde sua partida da Itália pensaram em construir uma Igrejinha dedicada à "Madona" de Caravaggio logo depois de se estabelecerem nas suas colônias. Mas, das 35 famílias que tinham partido, ficaram unidas só cinco. Estas, com a ajuda de outras quatro, cumpriram sua promessa, desde tanto tempo almejada. Assim, realizaram seu desejo e dever. E, no dia 24 de abril de 1887, a Capela foi benta pelo Revmo. Pe. Marcello Rochi, Jesuíta, estando presente o Revmo Pe. João Fritzen, Vigário da Paróquia

Os Colonos são os seguintes, tendo todos contribuído com trabalhos: 1. Pietro Colzani, que fez doação do terreno para a referida Capela, inclusive a pracinha na frente e o lugar para se fazer a Sacristia e mais um metro ao

redor de toda a construção, com a condição de que, se o governo quisesse se apoderar da Igrejinha, ou se outros sinistros ocorressem, o terreno seria sempre de Pietro Colzani ou de seus herdeiros.

2. Girolamo Tomasini

3. Paolo Benaglio

4. Angelo Colzani

5. Angelo Bosco

6. Francesco Leoni

7. Carlo Franziosi

8. Dalmazio Paoli

9. Antônio Vanolli.

Brusque, 30 de maio de 1887

IV — A construção da capela

Os infra-escritos Colonos da Linha Azambuja, Pietro Colzani, Paolo Benaglio, Girolamo Tomasini, Angelo Bosco, Francesco Leoni, Angelo Colzani, Antônio Vanolli, Carlo Franziosi e Paoli Dalmazio, já no ano de 1876 começaram a fazer o roçado para a Capela. Num instante, porém, tudo foi águas abaixo! Apenas, quando se encontravam juntos discutiam se haviam de fazer a Ermidinha e de que modo... Todos os anos faziam uma reunião a propósito, mas nunca chegavam a concluir algo de positivo. Enfim, no primeiro domingo de novembro de 1884, feita nova reunião, decidiram construir-la de tijolos como hoje se vê. E logo, pelos fins do mesmo mês, deram-se a fabricar tijolos e telhas. Em menos de dois meses aprontaram-nos, cozendo-os ao forno em março de 1885. E em começo de maio a Capela estava construída; só faltava o reboco e (.). Um ano depois, aos 20 de maio de 1886, a Igrejinha estava rebocada e caiada. Fez-se também o Tabernáculo e o nicho sobre o altar, como hoje se vê. Mais

tarde, Pietro Colzani fez ainda outros quatro nichos, e depois mais outros dois, contendo o Sagrado Coração de Jesus e o de Maria. Sobre o altar se encontra, em seu nicho, o quadro da Senhora de Caravaggio com a Bem-aventurada Giovannetta, quadro pintado pessoalmente e doado por Dona Bianca Brambilla, casada com o Conde Melzi, de Milão”.

V — REGULAMENTO DOS FABRIQUEIROS DA CAPELA

“Os nove sócios que se inscrevem decidiram que ninguém, exceto os sócios, pode ser escolhido para Fabriqueiro da Capela, a não ser com o consentimento de todos. Por isso, quando um dos sócios não estiver de acordo, não se podem admitir novos membros, mesmo que os outros oito sócios o desejem. Aceita-se alguém por sócio quando desembolsar (...) mil réis em favor da Capela, depositando-os com os Fabriqueiros. Essa quantia será depois empregada conforme as precisões da Capela. No caso de algum sócio morrer, qualquer um dos seus herdeiros entra na sociedade, se manifestar o desejo de ser admitido. Mas não poderá votar nem ser eleito como Fabriqueiro se não tiver 20 anos completos e não fôr assíduo frequentador da Capela. Isso, aliás, deve ser julgado pelos Conselheiros.

Para o encargo de Conselheiros aceitam-se também os filhos dos sócios, desde que tenham seus 20 anos completos. Pode admitir-se, ainda, qualquer dos colonos que seja de nossa Religião, mas com o compromisso de ajudar nas des-

pesas da Capela. Estas deverão ser feitas sempre em sociedade, tanto no que se refere à mão de obra quanto no que importa ao dinheiro como tal. Enfim, no caso de um dos sócios morrer não tendo filhos maiores de 20 anos, mas sua família tiver um tutor que ainda não seja sócio, pode admitir-se o tutor como sócio até que um filho do finado chegue à maioridade”.

I — FONTE: Arquivo Histórico “Dom Jaime de Barros Câmara”, do Seminário de Azambuja.

II — BIBLIOGRAFIA:

1. Oswaldo R. Cabral: História de Santa Catarina. Editora Laudes, 1970.
2. Oswaldo R. Cabral: Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1958.
3. Pe. Ney Brasil Pereira: O Santuário de Azambuja. Brusque, 1952.
4. José Artulino Besen: Azambuja. Brusque, 1977.

III — ARTIGOS:

1. Pe. Raulino Reitz: Fastos Geológicos de Azambuja.
O MUNICIPIO, ano VI, nº. 327, 23—9—1961.
O MUNICIPIO, ano VI nº. 328, 30.9.1961.
2. Pe. Ney Brasil Pereira: O mais antigo documento sobre Azambuja.
O MUNICIPIO, ano VI, nº. 265, 1—5—1960.
O MUNICIPIO, ano VI nº. 266, 7—5—1960.
O MUNICIPIO, ano VI, nº. 267, 14—5—1960.

A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim

UM ESTUDO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (*)

AFONSO IMHOF

No capítulo II, reservado ao povoamento do Vale do Itajaí-Mirim, a Autora historia a imigração alemã no Brasil com os seus insucessos iniciais até 1860, ano em que foi fundada a Colônia de Itajaí-Brusque, a qual abrangia principalmente toda a extensão territorial ao longo do Vale do Rio Itajaí-Mirim (tributário do Itajaí-Açu, rio principal da bacia hidrográfica do Vale do Itajaí), fragmentada hoje nos Municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá e Vidal Ramos, concentrando a Autora suas pesquisas nos dois primeiros, pois ali houve a concentração de levas de imigrantes alemães, enquanto Botuverá, Vidal Ramos e ainda Nova Trento, no Vale do Tijucas (também integrante da Colônia-Itajaí-Brusque), receberam italianos. Analisa o povoamento do Vale do Itajaí-Mirim em relação ao sistema Waldhufen (colonização da região montanhosa do leste da Alemanha no final da Idade Média: o tipo de povoamento chamado Waldhufen, p. 42). A distribuição das propriedades em lotes alongados, segundo a Autora (p. 48), é que faz o sistema de povoamento assemelhar-se muito à Waldhufendorf, característica da colonização medieval da Floresta Negra, Odenwald, leste de Mittelgebirg e em partes das florestas das terras baixas do norte da Alemanha. Rica a explanação em torno desse sistema, explicando detalhes terminológicos da estrutura agrária camponesa medieval, como, por exemplo, Marachlufendorf, Flur; Gewane; Hufendorf; Strassendorf; Flurzwang. A Autora explica (p. 54), que a tradição histórica do campesinato alemão, o tipo de povoamento que prevaleceu no Vale do Itajaí-Mirim, o isolamento e a adequação de novas técnicas agrícolas ligadas ao cultivo em um novo habitat, o cultivo de plantas nativas em substituição às européias e um novo tipo de comércio, foram fatores relevantes na formação dessa comunidade camponesa. Nela, dois elementos importantes se destacam: de um lado, a pequena propriedade agrícola (colônia) e o grupo doméstico constituindo a unidade econômica; de outro, a vila, constituindo o "mundo do camponês".

A exploração do lote colonial se caracterizou pela policultura e pelo uso de técnicas agrícolas peculiares ao sistema de coivara, sendo que o milho, a mandioca, a cana-de-açúcar e o tabaco farneciam o excedente de produção para ser trocado ou vendido nas Kaufladen (vendias), ficando os outros exclusivamente para a subsistência, a saber: o feijão-preto, o taiá, a batata-doce, o amendoim, o aipim e as colheitas de horta, onde cultivavam os legumes e, próximas à casa, árvores fru-

tíferas que se destinavam ao consumo doméstico. Houve pouca, quase insignificante criação de animais.

Por outro lado, os engenhos de açúcar e cachaça, a produção do fubá e farinha de mandioca nas atafonas, a manufatura de charutos, a produção de vinhos, banha, derivados do leite e de um doce de frutas pastoso chamado Mus, constituíram as principais atividades — rotuladas pela SEYFERTH como "indústria doméstica" (p. 67) — e tiveram excelente incremento. A Autora explora estatisticamente, baseada em relatórios da época, a produção e descreve o fabrico de alguns produtos, analisando até a divisão do trabalho na Colônia.

A Vila (de Brusque) é o segundo elemento importante que caracterizou a comunidade camponesa do Itajaí-Mirim no século XIX (p. 54 a 83). O colono não ficava isolado na sua propriedade: ele mantinha suas atividades sociais e econômicas com seus semelhantes através das relações sociais estabelecidas na vila; ali ficavam as capelas, as escolas, a sede da Schützenverein (Sociedade de Caça e Tiro), a administração, o ancoradouro, o cemitério, acreditando SEYFERTH que talvez por isso não era chamada de Dorf (aldeia), mas sim de Stadplatz (de Stadt, cidade e Platz, lugar). A vila era ao mesmo tempo aldeia e cidade.

O capítulo IV é dedicado ao estudo do comércio colonial onde se destacam os vendeiros, isto é, os proprietários de casas comerciais, as Kaufladen (vendas). Os vendeiros, um pequeno número de pessoas, monopolizavam o transporte e o comércio.

Os colonos vendiam ou trocavam suas mercadorias por produtos trazidos das cidades que eram necessários à sua subsistência. Havia um monopólio subordinando o colono ao vendeiro, e, como SEYFERTH afirma (p. 102) — "o imigrante começava suas atividades como colono e pequeno proprietário devendo ao vendeiro". Os colonos não tinham outra alternativa quanto à colocação dos seus produtos no mercado e à aquisição daquilo que necessitavam. As atividades dos vendeiros não se limitavam unicamente ao comércio e conseqüente monopólio dos transportes e preços. Havia um outro fator, segundo SEYFERTH (p. 109), não menos importante, que deixava os colonos dependentes deles: eram os comerciantes que financiavam e exploravam boa parte da pequena indústria ligada à lavoura (engenhos e atafonas e, já no princípio do século XX, também as fecularias) e as serrarias. Toda a poupança do colono, excetuando aquela que era destinada a melhorar a propriedade, acabava nas mãos dos vendeiros para ser guardada por ele, funcionando a venda como um banco dos colonos; entretanto, diferia desse tipo de instituição em um aspecto importante: não era o colono que recebia juros pelas importâncias depositadas na venda; o colono pagava pelo depósito nas Kaufladen.

No último capítulo, a Autora traz uma importante contribuição à elucidação do aparecimento da industrialização de Brusque, contestando Emílio Willens, que acreditava na origem artesanal das indústrias. A realidade, levantada pela Autora, é outra. No início da colonização o

artesanato era apenas uma atividade suplementar dos colonos, forçados a depender de uma economia estritamente familiar. Pela exposição de fatos, a Autora exclui a hipótese do artesanato ter gerado ou até contribuído para a industrialização. A implantação da indústria têxtil em Brusque a partir de 1892, teve como fator relevante a tentativa do sr. Carlos Renaux de produzir e revender tecidos em sua venda, fabricados por ele mesmo. Como vendeiro desde 1883, tinha condições de garantir um mercado seguro. Ainda dois aspectos que marcaram a implantação da indústria têxtil dizem respeito ao capital investido à mão-de-obra empregada. Os vendeiros eram únicos que tinham condições de acumular vasto capital. A presença de tecelões poloneses de Lodz na colônia, que foram convidados pelo Sr. Renaux a trabalhar na instalação da indústria, foi coincidência fortuita. Três foram as causas determinantes, segundo os estudos da SEYFERTH (p. 127) da industrialização de Brusque com base na tecelagem: 1. a existência de capital local garantido pelo comércio, 2. a potencialidade de um mercado consumidor na região; 3. a existência de mão-de-obra aproveitável entre os agricultores, reforçada pela presença de alguns artífices especializados na fabricação de tecidos, que funcionaram como orientadores dos demais. É importante ainda atentarmos para as duas fases ocorridas no processo de desenvolvimento econômico de Brusque, após o início da industrialização: a primeira, que abrange o período de 1892 a 1930, caracteriza-se pela predominância de atividade agrícola sobre a industrial. O número de operários ainda não é muito grande em relação aos agricultores. A segunda fase da economia brusquense é marcada pela predominância das atividades industriais sobre as agrícolas a partir da Segunda Guerra Mundial. A proletarianização é maior, sentida através dos expressivos aumentos: de 1561 operários que havia em 1937, passaram a ser 3680 em 1950.

O excelente trabalho da antropóloga e historiadora Giralda Seyferth constitui-se num enriquecimento valioso para a bibliografia das Ciências Sociais especialmente no tangente às imigrações alemãs no Brasil.

(*) Giralda — Seyferth Editora Movimento e Sociedade Amigos de Brusque, Porto Alegre, 1974.

Personalidades do passado brusquense

Ayres Gevaerd

Mutter Jönk

Das personalidades do passado brusquense, nenhuma foi mais querida e teve designação popular

mais carinhosa do que Margarethe Jonk: MUTTER JÖNKI.

Duas gerações de brusquenses ela ajudou a trazer ao mundo, o que lhe valeu a amizade, o respeito e a confiança de toda mulher

na plenitude da maternidade, além da consideração da comunidade .

Mutter Jonk, ao aceitar a plena execução de sua profissão de parteira ,certamente tinha consciência de sua responsabilidade, dos poucos recursos médicos e farmacêuticos, das dificuldades de locomoção, a pé, a cavalo, com carroça ou carro de mola, na vila e na extensa região colonial.

Dedicou-se à profissão confiando em seus conhecimentos e em sua coragem para enfrentar com decisão as deficiências próprias da época.

As cartas que dirigia aos filhos distantes refletem seu caráter, suas preocupações e dedicações maternas. E é no aspecto espiritual desses documentos, nas condições de esposa e mãe, que se avaliam o cuidado e a dedicação com que formou e educou tantas mães na Comunidade brusquense

— * —

Margarethe Jonk, nascida Todt, era natural da Alemanha. Cedo emigrou para o Brasil, cuja cidadania abraçou, prestando juramento, no dia 27 de setembro de 1857, na Freguezia de Santa Tereza de Valença, no Rio de Janeiro. Casou com Ferdinando Jonk, natural de Holstein, Alemanha, em Petrópolis, tendo desse matrimônio nascido 5 filhos, 42 netos, 86 bisnetos e 4 tataranetos.

Foi Ferdinando Jonk um dos fundadores da Sociedade de Atiradores, e membro destacado da Comunidade Evangélica.

Mutter Jonk, nos últimos anos de sua vida, já viúva, residia com

uma de suas filhas em pequeno prédio, situado nas imediações do Largo 4 de Agosto.

Faleceu no dia 30 de setembro de 1932, com 94 anos. Acha-se sepultada no cemitério evangélico.

— * —

Guilherme Wiethorn Filho

Provavelmente poucos brusquenses se recordam do professor Guilherme Wiethorn Filho, exceção feita aos remanescentes dos que frequentaram as Escolas Reunidas e os primórdios do Grupo Escolar Feliciano Pires.

Em 1917 foi diretor das Escolas Reunidas de Brusque, criadas pelo decreto n.º 1026 do Governo Estadual, em 16 de junho daquele ano. Tinha, como professoras, Georgina de Carvalho da Luz, Corália Gevaerd Olinger, Laura Garcia e Aurora Araujo .

Em princípios de 1919 foram encerradas as atividades das Escolas Reunidas e em substituição foi instalado o Grupo Escolar Feliciano Pires.

Guilherme Wiethorn Filho foi nomeado seu diretor em maio do mesmo ano, iniciando atividades com as professoras citadas e mais Maria Etelvina da Luz Mohr, Arminda Haberbeck e o professor Hercílio Zimmermann.

Em 1920 diplomou a primeira turma que terminou o 4.º ano, com 18 alunos, sendo paraninfo Carlos Luiz Gevaerd.

Guilherme Wiethorn Filho pertenceu à classe dos Mestres-escola, famosa a seu tempo, não só pelo SABER em toda a plenitude da

palavra, como também pelo sistema de ministrar disciplina aos alunos: a palmatória. Quando não aplicada nas palmas das mãos, com mais vigor se ajustava aos fundilhos. No entanto, registre-se, o processo que os métodos modernos não admitem mais, nunca fez mal a ninguém. Acho até que poderia ser aplicado hoje, com resultados benéficos. No aplicar o corretivo, "Seu Wiethorn" não era, absolutamente, rigoroso em demasia. De conformidade com a falta, o castigo era então aplicado e com a advertência, sempre repetida: "Na próxima vez eu dou com mais força".

Velhos educadores, recordando aquele tempo, e eu acreditadamente, afirmam que os Mestres-escola modelaram uma geração que se tornou famosa pelos expoentes que produziu em distintas e nobres atividades humanas.

O Grupo Escolar Feliciano Pires funcionou em um grande prédio de alvenaria, de 2 andares, com 4 grandes salas, dois gabinetes, um para o diretor e o outro para biblioteca e reuniões, e mais duas salas menores. Nas 4 salas funcionavam as seções do 1.º ao 4.º ano. Ainda no tempo do Professor Wiethorn foi construído outro prédio, perfeitamente igual, destinado à seção feminina.

O diretor residia com sua família na mesma rua, quase defronte ao edifício da seção feminina.

Em Brusque nasceram dois de seus filhos. Um deles, Mário, há pouco tempo remeteu para a Sociedade Amigos de Brusque preciosa coleção de fotografias do Grupo, dos professores e dos alunos de 1920. Incluiu o original de

uma carta cujo texto já foi divulgado, mas que incluo nesta crônica.

Ao sair de Brusque, transferido para Palhoça, lá fixou residência. Em 1960 uma das Comissões dos festejos do 1.º centenário de Brusque, convidou-o para receber homenagem de seus ex-alunos, o que motivou a carta citada:

Palhoça, maio de 1960.

Meu prezado Ayres: Em palestra mantida com o nosso amigo Alexandre Brasil, residente nessa cidade, fui informado que meus queridos ex-alunos brusquenses desejam meu comparecimento nas festividades do primeiro centenário de fundação dessa progressista e opulenta cidade, a realizar-se no dia 4 de agosto do corrente ano.

Orgulha-me, sobretudo, desse gesto cativante daqueles que, no passado, guiei quanto possível, afim de lhes preparar o destino e que hoje são faróis de esperanças dessa bendita e hospitaleira terra.

Meu prezado Ayres; emocionado, prometo-lhe, embora carregando o fardo pesadíssimo de meus oitenta anos de idade, atender ao honroso convite, posto que, desejosos estão os meus inesquecíveis ex-alunos verem o velho professor novamente em contacto com aquelas goralhas barulhentas e inquietas de outros tempos.

E, então, de mãos dadas, formaremos uma grande roda, cantando uma canção em homenagem às crianças brusquenses".

•

Infelizmente seu estado de saúde não permitiu realizar o que tanto desejava pois veio a falecer em Julho, vésperas de nosso primeiro centenário de fundação.

“Cinematographo”

Ayres Gevaerd

Nota — jornal Novidades — Itajaí, 16 de julho de 1908 — do Correspondente de Brusque: “Com uma Casa regular, deu dois espectáculos o cinematographo CILMER. A pouca claridade das vistas obriga-nos a advertir ao seu empresario sr. Julianelli de procurar meios de melhorar esse defeito do aparelho”.

A leitura desta nota despertou-me recordações há muito adormecidas. Quando menino, conheci o sr. Julianelli. Aparecia em Brusque com seu cinematographo movido a bateria elétrica, e sua camioneta, realizando sessões ao ar livre e nos salões das sociedades.

Guardo um velho programa do “Pavilhão Recreativo da Empresa Julianelli” anunciando exibição da grandiosa fita sacra “Nascimento, Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Cristo”, artisticamente colorida, a mais completa, etc. No programa outras fitas, de menor metragem.

Mesmo depois do aparecimento do cinema em Brusque, iniciativa de Willy Stracker, por volta de . . . 1913, as visitas do sr. Julianelli eram freqüentes, tornando-se personagem muito simpática e popular. Faleceu há poucos anos, em Blumenau, em avançada idade.

Em outra crônica lembrei aspectos técnicos, programas e dificuldades financeiras do cinema mudo em nossa cidade. Outros lembro agora, tentando voltar a um passado que a cada dia mais e mais se distancia.

Willy Stracker instalou o seu cinema no ano da inauguração da luz elétrica em Brusque, iniciativa de João Bauer. Denominou-o de “Cinema Moderno” e funcionou no salão do “Hotel Zum Deutscher Kaiser”, propriedade de Guilherme F. Krieger, o popular e muito lembrado “Schoner Wilhelm”. Os jornais Brusquener Zeitung e a Gazeta Brusquense anunciavam o programa em suas edições semanais, além da distribuição de Programa — Convite, pela cidade. Em março, por exemplo, exibiu o filme “Unglückliche Liebe” em 5 partes e em junho, “Faust”.

Rodolfo Krieger adquiriu de Willy Stracker o “Cinema Moderno”, que conheci funcionando no grande salão de festas do referido hotel, prédio reformado, local dos bailes promovidos pelo C. E. Paysandu nos primeiros anos de sua fundação.

Por volta de 1924/25 João Schaefer, por sua vez, comprou o cinema, transportando-o para o salão de seu Hotel, com a denominação de “Cine Esperança”.

Carlos Gracher seria seu novo proprietário, quando arrendou da família João Schaefer o prédio para dar continuidade ao tradicional Hotel. Anos depois, quando “seu Carlos” instalou seu próprio hotel, trouxe consigo o velho cinema. O cinema sonoro ensaiava nesse tempo os primeiros passos com a denominação de Vitaphone, sons gravados em disco, girando combinado com a imagem do filme. O aperfeiçoamento, entretan-

to, veio logo, com o Movietone, som e imagem no próprio celulóide.

Entusiasmo e espírito empreendedor superaram as contínuas dificuldades do tradicional cinema brusquense. "Seu Carlos" mudou tudo. Reformou e embelezou o salão adquiriu o aparelhamento sonoro e mudou o nome para "Cine Guarany" e no dia 3 de março de 1934 projetou o primeiro filme: "Voz do meu coração". A 17 do mesmo mês, "Museu de Cêra", hoje um clássico do cinema.

Guardo muitas recordações dos cinemas de "seu Carlos", principalmente da primeira fase, do cinema mudo, é claro. Sabia dos seus grandes dias e de seus dissabores, para os quais muito contribuí.

Uma das cousas alentadoras e agradáveis do nosso velho cinema, eram os bons filmes e seu título: "Cinema Esperança". Esperança de uma "Casa cheia", sinônimo de lucro compensador. Na realidade era uma esperança, raramente confirmada.

Os filmes, como disse, eram bons, alguns excelentes, hoje clássicos e peças de Museu. Quem, dos velhos frequentadores, não gostaria de rever Greta Garbo, Pola Negri, Lilian Gish, John Gilbert, John Barrymore, Tom Mix, William S. Hart, Buck Jones, os grandes do Far West; as curtas comédias de Charles Chaplin, Chico Bóia, Max Linder e Haroldo Loyd; os famosos filmes em série, Ravengar, Os perigos de Paulina, O Fiacre nº 13, O avião silencioso, O cavaleiro fantasma?!

Os conjuntos musicais, indispen-

sáveis no tempo do cinema mudo, eram em geral, formados por um violino, um violão e um cavaquinho. O repertório musical era improvisado, de conformidade com o filme que se projetava. Uma valsa chorosa, lenta, se adaptava, por exemplo, a uma cena romântica, um final triste de romance, uma evocação saudosa. A direção do conjunto cabia muita responsabilidade e perícia na adaptação da música à imagem ou cena. Uma valsa era substituída rapidamente por um tango, uma marchinha, um maxixe, um fox, sempre de conformidade com o enredo.

As vezes a presença do conjunto musical era duvidosa. "Seu Carlos" porém muito calmamente, colocava sobre pequena mesa uma vitrola acionada por mola e uma coleção de 10 discos, aos cuidados de um moço, com ingresso gratuito. Era um desastre, pois a música raramente se adaptava ao filme. Os protestos da platéia fortes no início, iam acalmando lentamente, pois não havia outro jeito".

O horário para iniciar-se a sessão era outro problema, porém, perfeitamente admitido pelos tradicionais frequentadores. Tradicionais, porque eram quase sempre os mesmos. Um novo espectador era sempre olhado com certa curiosidade. A hora de iniciar-se a sessão já ia longe e ainda se ouvia uma sineta tocando na rua, perto da porta de entrada, aos cuidados de um guri com ingresso seguro. Inquirido porque não iniciava a projecção, "seu Carlos", com aquele gesto de acertar as calças com os braços, que lhe era característico, informava que cer-

to cidadão e respectiva esposa ainda não tinham chegado...

Havia também a disposição das cadeiras, tipo italianas, com assento de palha, devidamente colocadas horas antes da sessão, com um corredor no meio. Entretanto, mal se apagavam as luzes, muitas cadeiras eram melhor ajustadas, principalmente pelos namorados, o que causava murmúrios de desaprovação dos mais velhos e melhor acomodados.

Duas cadeiras não se ajustavam

com as demais: reservadas para o delegado de polícia. Eram colocadas mais à frente, no lado direito, permitindo ao exmo. sr. Delegado melhor "cobertura" dos espectadores. O inconveniente, porém, para a ilustre autoridade e sua esposa ou seu convidado, era assistir o filme "de lado"!

Aí estão estas lembranças, provocadas pela leitura da nota inserta no "Novidades", jornal que se publicou em Itajaí de 1904 a 1912.

DOCUMENTOS

RELATÓRIO DE 1º. DE JANEIRO DE 1862

(De acordo com a ortografia original)

(conclusão)

he tambem de extrema necessidade ter a Directoria um cofre forte para guardar não só o dinheiro como os livros e mais papeis de importância, mórmente na sua habitação actual, que hé apenas um abrigo de taboas de 20 palmos em quadro, coberto de palha, sem a menor segurança. A necessidade de um sacerdote catholico he tão patente, quanto, para evitar venalidades, a de um Pastor Protestante, ambos de nação allemãa, que me limito somente a observar muito respeitosaente a V^o. Ex^a. tendo esta povoação um numero ja bastante avultado de 727 almas, 486 catholicos e 241 protestantes, reclama até socorro religioso, bem como templos, ao menos por enquanto provisorios. Torna-se mister que quanto antes, V. Ex^a. mande a esta Coluna o Pastor Protestante, bem como o Padre Catholico da Colonia Blumenau, afim de ministrar os devidos sacramentos, para evitar abusos como ultimamente aconteceo, arrogando-se o colono recém-chegado Eugenio Rieger o direito de exercer função religiosa, como a de baptisar uma creança em perfeito estado de saude, sem estar para isso competentemente autorizado, e apesar de ter sido previamente advertido por esta Directoria, que não convinha que o fizesse. Este colono parece-me prejudicial à boa ordem da Colonia, porisso que não só tem pretensões de exercer taes funções e outras, como o põem em pratica.

Devo levar ao conhecimento de V. Ex^a., que este homem hé um verdadeiro cabeça de motim, que desperta ideas subversivas aos colonos a ponto de leva-los a fazer toda especie de exigencias, e induzindo-os até a prestarem suas assignaturas para taes fims. Isto pratica elle, não so em estado de embriaguez, como mesmo de sobriedade. Já o Exm^o. antecessor de V. Ex^a., reconhecendo a necessidade que tinha esta povoação de escolas de instrução primaria, creou uma para o sexo feminino; falta

pois a de meninos, que julgo muito necessaria . Penso que seria justo dar-se aos professores uma casa para a escola com commodos sufficientes para moradia, pois a actual apenas serve para nella funcionar a escola, por ser somente uma adaptação provisoria de uma quarta parte de um dos ranchos de recepção sem outra capacidade alguma, tendo a professora de morar fóra em um rancho particular que alugou . Seria de muita conveniencia a criação de um Districto de Paz e Subdelegacia, afim de que a Directoria não se veja constantemente atropelada em seus outros assaz grandes affazeres com esses serviços que o contraria em todos os sentidos . O lugar em que se acha situada a Colonia he saudavel, porem quasi todos os colonos pouco depois da sua chegada, soffrerão fortes e renitentes dysinterias, do que morrerão bastantes colonos, a maiór parte creancas; feridas principalmente nas pernas do joelho para baixo, algumas opilações, inflamações de olhos, de que forão atacadas algumas cinco ou seis familias apenas, o que tudo se attribue às fadigas e comidas salgadas durante o longo trajecto da Europa para cá, e mesmo a mudança das agôas, dos climas e dos alimentos . A molestia dos olhos parece mais hereditaria do que causada por outra qualquer circumstancia local . Huma outra necessidade urgentissima he por sem duvida a existencia permanente de um medico na Colonia, subvencionado pelo Estado: ao menos em quanto os colonos não estiverem em circumstancias de se fazerem curar à sua propria custa, e bem assim a de um pharmaceutico a quem se garanta o importe dos remedios para os colonos pobres, e mais a existencia de um hospital na séde da colonia, a bem de evitar a remessa muito frequente de colonos doentes para o hospital de caridade nessa Capital, o que certamente causa bastantes despezas e pode expôr os colonos que não estejão em estado de serem transportados e mesmo à aquelles que o podem ser, a serem vitimas destas faltas . Cumprime levar ao conhecimento de V. Ex^a. mais a necessidade que ha de regularizar quanto antes a escripturação da colonia, nomeando-se para esse fim uma pessoa habilitada nos conhecimentos da escripturação por partidas dobradas ou simples, que satifaca este ramo de serviço, por quanto não he possivel, que tendo de Directoria a seu cargo tantos e tão pezados serviços, possa acudir tambem à complicada escripturação della . Não tendo a Directoria na instrucções geraes pelas quaes se veja, aproveito a accasião para rogar a V. Ex^a. a sollicitação das dictas instrucções do Governo Imperial . A Colonia possui uma lancha, 4 canôas (em bem máo estado), e 6 animaes de carga . Dá conta das despezas realizadas até 31 de Agosto do anno findo, que junto tambem levo ao conhecimento de V. Ex^a., vê-se que o Governo despendeo até aquella data com os diversos serviços a cargo desta Directoria, costeamento da colonia e subsidios aos colonos a quantia de 40:929\$822 reis . Queira V. Ex^a. desculpar as lacunas e imperfeições deste trabalho, sentindo não estar habilitado para mais minuciosos e uteis esclarecimentos, attendendo ao pouco tempo que tive para obte-los . Estes mesmo me forão, pela maior

parte fornecidos pelo Snr. Barão tendo comtudo eu mesmo tambem verificado grande parte delles.

Deos Guarde à V. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia

O Director Interino
João André Cogoy Junior

RELACÃO DOS COLONOS ENTRADOS NA COLONIA
ITAJAHY-BRUSQUE EM 1860

PRIMEIRA TURMA:

(Acompanhados pelo Barão
de Schneéburg)

1 — Hoefelmann — Augusto
— Lavrador e tecelão, 23
anos de idade, protestante, natu-
ral da Prússia. Casado com Ana
Maria Scheitmann, de 28 anos,
da mesma religião.

Filhos: Pedro (8 anos); Gui-
lherme (3 e meio anos); Luísa (1
ano).

2 — Wilhelm — João — La-
vrador. 58 anos, católico,
natural de Hessen (Darmstadt).
Casado com Margarida Ritsch, de
47 anos, da mesma religião.

Filhos: Simão (26 anos); Carlos
(17 anos); Eva (13 anos); Mar-
garida (8 anos); Nicolau (7
anos); João (5 anos). João Sebas-
tião (2 anos).

3 — Neuhaus — Frederico
Guilherme — Lavrador e
cutileiro, protestante, natural da
Prússia. C/c. Elisa Margarida
Isaac, de 35 anos. Filhos: Frede-
rico (12 anos); Gustavo (10 anos);
Emílio (7 anos); Augusto (5 a-
nos); Ema (2 anos).

4 — Scharfenberg — João Jo-
sé — 32 anos, alfaiate, ca-
tólico (Não assinalada a pátria de
origem). C/c. Catarina Elisabe-
te Rieseveck, de 45 anos.

Filhos: José (15 anos); Henri-
que (14 anos); Antônio (11
anos); Maria (4 anos).

Agregado: João Zimmer, de 49
anos, católico.

5 — Ortmann — Frederico —
de 33 anos, lavrador, pro-
testante, natural da Prússia. C/c.
Joana, de 28 anos.

Filhos: Frederico (4 anos); Bea-
ta (3 anos); Emil e Ernesto (gê-
meos, de 1 e meio anos).

6 — Boiting — João Germa-
no - de 41 anos, lavrador,
católico, natural da Prússia. C/c.
Ana Maria Therback, de 35 anos.

Filhos: João Antônio (15 anos);
Elisabete (13 anos); Bernardo (8
e meio); Germano (7 anos), José
(5 anos). Uma filha do casal, de
15 meses, faleceu no Itajaí a 27 de
julho).

7 — Morsch — Jacó — de 36
anos, lavrador, católico,
natural da Prússia. C/c. Cristi-
na Amália Flecker, de 32 anos.

Filhos: Francisco (6 anos);
Henrique (3 anos); 1 menor, re-
cem-nascido, não batizado.

8 — Ostendarp — João — de
45 anos. Lavrador e car-
pinteiro, católico, natural da
Prússia. C/c. Maria Catarina
Sebbing, de 51 anos.

Filhos: José (18 anos) e Henri-
que (13 anos).

9 — Walther — Daniel — de 50 anos, lavrador, protestante, natural da Prússia. Viúvo. Filhos: Gustavo (15 anos); Alberto (10 anos) e Joana (9 anos).

10 — Richter — Luís — de 41 anos, lavrador, protestante, (sem anotação de origem). C/c. Henriqueta Bartels, de 33 anos.

Filhos: Ernesto (5 anos); Emílio (3 anos) e Guilhermina (1 e meio anos).

NOTA: Richter não trouxera a esposa e os filhos, que estavam em Petrópolis, aguardando transporte.

SEGUNDA TURMA

(Acompanhados pelo Major João de Souza Melo e Alvim).

1 — Knoch — Daniel — de 41 anos, sapateiro, católico, natural de Baden. C/c. Maria Leining, de 42 anos. Filhos: Maurício (20 anos); Clara (15 anos); Madalena (11 anos); Vitória (9 anos); Gertrudes (1 e meio anos). — No Destêrro, em agosto, a família havia perdido 2 filhos menores.

2 — Rüffel — Francisco Carlos — de 43 anos, ferreiro, católico, natural de Baden. C/c. Madalena Storch, de 42 anos. Filhos: Emília (19 anos); Margarida (15 anos); Madalena (11 anos); Francisca (9 anos); Alvim (6 anos) e Guilherme (4 anos).

3 — Groch — João Adão — de 36 anos, católico, profissão não especificada, natural de Baden. C/c. Amália de 38 anos.

Filhos: Emília (14 anos); Carlos (11 anos); Estevão (9 anos); Cecília (5 anos) e Gustavo (2 anos). Um filho menor do casal morreu na Colônia, sendo possivelmente o

1º. óbito verificado na mesma. Chegara doente e desenganado (Comunicação do Barão de Schneéburg, de 24.10.60).

4 — Heil — Vendelino — de 41 anos, lavrador, católico, natural de Baden. Viúvo.

Filhos: João (16 anos); Melchior (14 anos); Bárbara (11 anos); Valentim (9 anos); Florentino (6 anos).

5 — Schlindwein — Francisco George — de 44 anos, lavrador, católico, natural de Baden. C/c. Eva Catarina, de 42 anos.

Filhos: Rodolfo (18 anos); Pedro Henrique (16); Alvim (7); e Maria (4).

6 — Heil — Pedro Jacó — 28 anos, lavrador, católico, natural de Baden. C/c. Teresa Lindenfelder, de 28 anos.

Filhos: Gabriel (3 anos) e 1 nascido a bordo, não batizado.

7 — Heil — Antônio — de 22 anos, sapateiro, católico, natural de Baden. C/c. Carolina Fensch, de 25 anos. Casaram-se em Sta. Catarina (Destêrro), antes de se fixarem em Brusque.

8 — Schlindwein — André — de 41 anos, católico, lavrador, natural de Baden. C/c. Maria Hoerner, de 41 anos.

Filhos: Francisco (14 anos); Inês (11); Bernardo (10); e Nicolau (4).

9 — Schlindwein — George Melchior — de 38 anos, lavrador, católico, nat. de Baden. C/c. Maria Elisabete Eswein, de 38 anos.

Filhos: Margarida (11 anos); Germano (7); e 1 de meio mês, não batizado. Maria Elisabete faleceu a 4 de novembro.

10 — Hoerner — Carlos Francisco — de 37 anos, lavrador, católico, nat. de Baden. C/c. Catarina, de 30 anos. Filhos: Bárbara (8 anos); Marcos (2) e 1 filha nascida na Taipava (sic), não batizada.

Agregada: Juliana Catarina Cress, de 35 anos.

11 — Bodenmüller — Inácio — de 37 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Regina Kling, de 34 anos. Filhos: Filipina (9 anos); Vendelino (6); José (3); e Martinho, de 1 e meio. Agregado: João Henrique Wielnad, de 47 anos, protestante.

12 — Bodenmüller — Elisabete — de 43 anos, sem profissão específica, católica, nat. de Baden, viuva. Filha: Maria (16 anos). A outra filha casou com o seguinte.

13 — Rose — João — de 39 anos, sapateiro, católico, sem indicação de origem. Casou em Santa Catarina (Destêro), antes de se localizar na Colônia, com Catarina Bodenmüller, de 17 anos, filha da antecedente.

14 — Petermann — André — de 24 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Apolônia Debatin, de 24 anos. Agregado: Carlos Kirchbach, de 28 anos.

15 — Petermann — Melchior — de 59 anos, lavrador, católico, natural de Baden. C/c. Regina Kistner, de 60 anos. Filho: Alberto, de 20 anos.

16 — Petermann — Francisco José — de 31 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Jacobina Weitzel, de 29 anos. Filhos: Frederico (5 anos); Maria (4); e Inês (1 e meio). E mais um filho menor nascido a bordo, não batizado.

17 — Butsch — Carlos — de 30 anos, sem profissão específica, católico, nat. Baden. C/c. Ana Petermann, de 25 anos. Filha: Bárbara (1 e meio anos).

18 — Kohle — João Guilherme — de 23 anos, lavrador e maricheiro, nat. da Holanda, católico. C/c. Carolina Petermann, de 20 anos. Casou-se no Destêro. Agregado: Henrique Scott, 24 anos.

19 — Weitgenant — Francisco — de 28 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Elisabete Petermann, de 24 anos.

20 — Vogel — João — de 44 anos, serralheiro, católico, nat. Baden. Casou no Destêro com Elisabete Groh, de 28 anos.

21 — Fischer — Nicolau — de 30 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Sofia Hoerner, de 28 anos. Filhos: Henrique (3 anos); e George Daniel (1 e meio).

22 — Huber — Luís — de 34 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Cecília Fischer, de 31 anos. Filhos: Eva (8 anos); Bernardo (3); e Maria (2).

23 — Imhof — Xavier — de 34 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Regina Schmidt, de 30 anos. Filhos: Leopoldo (7 anos); Daniel (4); e Gustavo (2).

24 — Schmidt — João George — 25 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Maria Josefa Noé, de 30 anos. Filha: Apolônia (9 meses). Agregado: Augusto Weick.

25 — Groh — Francisco José — 35 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Eva Catarina Petermann, de 26 anos. Filha: Florentina (2 anos).

26 — Decker — Cristina — viuva. Filhos: Carlos José (27

anos); Vendelino (24); João (18) e Carolina (15). Filhos lavradores, naturais de Baden.

27 — Debatin — Carlos — 36 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Bárbara Blümle, de 34 anos. Filhos: Teodoro (10 anos); Huna (6) e Filipina (4).

28 — Waeschenfelder — José — de 34 anos, alfaiate, católico, nat. Baden. C/c. Maria Cecília Antoni, de 31 anos. Filhos: Regina (8 anos); Carolina (Lina), de 6 anos; e Amália (3).

29 — Kling — Miguel — de 29 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Elisabete Heuser, de 28 anos. Filha: Amália (1 e meio anos).

30 — Mathes — Carlos Francisco — de 38 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Susana Hassmann de 29 anos. Filho: Ricardo (3 anos).

31 — Schaeffer — Maximiliano — de 32 anos, marceneiro. Não consigna origem nem religião, C/c. Francisca Mahl, de 29 anos. Filho: Reinardo (3 anos).

32 — Weick — Augusto — 26 anos — sem outra indicação.

33 — Siegel — Vicente — C/c. Teresa e com 4 filhos menores, 2 de cada sexo. Haviam ficado no Hospital de Caridade do Destêrro, doentes. Seus nomes passam a figurar na 3a. Relação.

TERCEIRA TURMA

1 — Siegel — Vicente — 39 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Teresa Siegel, de 34 anos. Filhos: Aloisio (7 anos) e Amália (6). São os que figuram em último lugar na Relação

anterior e que haviam ficado no Destêrro, em tratamento.

2 — Zimmermann — Benjamin — 44 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Sofia, de 33 anos, protestante. Filhos: Carlos Erico (?); Guilherme (8 anos); Alberto (5) e Cecília (9 meses). Irmão: João Jacó, de 40 anos.

3 — Hüber — Francisco — 43 anos, lavrador, católico, nat. Baden. C/c. Agatha, de 37 anos. Filhos: Guilherme (6 anos); Tito (3).

4 — Graf — Martinho — 37 anos, lavrador, católico, nat. Baden. Viuvo. Filhos: Regina (19 anos), Theda (10); Agostinho (12); Carlos 10; Maria (3).

5 — Rube — Conrado — 50 anos, lavrador, católico nat. Baden. C/c. Catarina Zimmermann, de 36 anos.

6 — Nuss — André — 41 anos, lavrador católico, nat. Baden. C/c. Bárbara Hofner, 43 anos. Filho: José (6 anos).

7 — Ruffel — Felipe José — 38 anos, lavrador, casado, nat. de Baden. C/c. Helena (44 anos). Filhos: Adão (24); Luiza (16); José (13); George (9); Maximiliano (7); Carlos (5).

8 — Becker — Cosmo — 45 anos, fabricante de carros, nat. Baden, católico. C/c. Elisa (38). Filhos: Madalena (13); Humberto (10); Catarina (7); Nicodemo (6); João (3); José (1 e 3 meses).

9 — Baron — Inácio — 44 anos, católico, sapateiro, Baden. C/c. Maria (40). Filhos: João (21), Pedro (16); Fridolino (11) e Helena (8).

- 10 — Nuss — Felipe — 28 anos, lavrador, católico, Baden. C/c. Margarida Schumacker (27). Filhos: André (10) e Germano (7).
- 11 — Ruffel — João George — 42 anos, lavrador, católico, Baden. C/c. Francisca Weter (35). Filhos: Catarina (20); Inácio (15); Xavier (11) Eugênio (7); João (5); Maria (1).
- 12 — Habitzreuter — João — 50 anos, lavrador, católico, Baden. C/c. Cristina Scherer (43). Filhos: Adolfina (19); Alberto (17); Eva (15); Rosa (6); Francisco (3).
- 13 — Habitezreuter — Catarina — Viúva — 52 anos, Baden, católico. Filhos: Luís (24); Jacó (21).
- 14 — Schlindwein — Maria — (44) católica, Baden, viúva. Filhos: Inácio (14); Elisabete (11) e Oto (9).
- 15 — Ruffel — Luís — 38, lavrador, católico, Baden. C/c. Maria Eswein (34). Filha: Madalena (?).
- 16 — Hartmann — João — 35 anos. Nenhuma indicação. C/c. Madalena (38). Filho: Estevão (7).
- 17 — Dei — Damião — 32 anos, lavrador, católico, Baden. C/c. Elisa (35). Filhos: Antônio (13); Jacó (6); José (4).
- 18 — Oestreicher — Fachs — Maria, viúva. 44 anos. Filha: Joana Muller (21), nat. Baden, católica, lavradora.
- 19 — Veith — Daniel (27), católico, lavrador, Baden. C/c. Catarina Brecht, Filho: João (4 anos).
- 20 — Herkert - Francisco — 35 anos, católico, lavrador, Baden, C/c. Maria Müller (17 a.)
- 21 — Bittelbrun — Maximiliano 35, católico, lavrador, Baden. C/c. Cristina Nees (37). Filhos: João Frederico (9); Luís (2) Irmão: Adão (23).
- 22 — Rothaermel — Cristiano — 39 anos, lavrador, católico, Baden. C/c. Júlia (33). Filhos: Cecília (11); Tereza (9); Júlio (6); Francisco (3); Elisa (meio ano).
- 23 — Emmendorfer — Sebastião — 40, católico, lavrador, Baden. C/c. Ana Berthold (43). Filhos: Guilherme (9); Antônio (5) e Cristiano (2).
- 24 — Werner — Francisco — 35, lavrador, católico, Baden. C/c. Teresa (32). Filhos: Teodoro (5); Sofia (4) e mais 1 com 15 dias, não batizado.
- 25 — Baungartner — Tomaz — 44, lavrador, católico, Baden. C/c. Juliana (40). Filhos: Júlia (16) e Simão (11).
- 26 — Debatin — Carlos (II) — 22, lavrador, católico, Baden. C/c. Crescência Schlindwein (20)
- 27 — Nitzel — Frederico — 20, católico, moleiro, nat. Baviera. C/c. Bernardina Wenthold (26).
- 28 — Oestrenger — Guilherme — 37, católico, lavrador, Baden. C/c. Luísa Hapitzreuter (19).
- 29 — Klein — Francisco José Jacó — 38, sem indicação. C/c. Verônica (29). Filhos: Rosa (14), Elisa (11), Teodoro (5). Sogra: Maria Eva Huber (55).
- 30 — Erthal — João José — 56, lavrador, católico, Baden. C/c. Margarida Klein (42). Filhos: Adolfo (25), Urbano (16); Josefina (14); Fridolino (21).
- 31 — Erthal — Frederico — 22, ferreiro, católico, Baden. C/c. Amália Debatin (17).
- 32 — Baungartner — Madalena

— 36, viuva e sua filha Berta (5).

33 — Habitzreuter — José George — 58, lavrador, católico, Baden, viúvo. Filha: Margarida (33). Filho de Margarida: Carlos (15); e Simão, filho de José, 23 anos.

34 — Becker — Francisco Floriano — 45, lavrador, católico, Baden. C/c. Carolina Habitzreuter, (35). Filhos: Estevão (9) e Paulina (2 e meio).

35 — Kohler — João Nepomuceno — 39, lavrador, católico, Baden. C/c. Bárbara (42). Filhos: Marcolina (14); Susana (11); Jacobina (5); Rafael (4); Estefânia (1 e meio); Joana (?).

36 — Schwarz — Antônio André — 54. Filhos: Domingos, 25, lavrador, católico, Baden, engenheiro de fubá; Henrique (24, lavrador); José (20); Madalena (18) Elisa (15).

37 — Debatin — Francisca — 41, católica, viuva, Baden. Filhos; Francisco Martinho (20); Frederico (11) e José (9).

38 — Lang — Felipe — 44, lavrador, católico, Baden. C/c. Elisa Steger (44). Filhos: George (20); Luiza (18); Lourenço (17); Vicente (14); Guilhermina (11); Francisca (9); André (7); Vendelino (5) e Pio (4).

39 — Habitzreuter — Henrique — 24, lavrador, católico, Baden. C/c. Ema Fischer (23).

40 — Meyer — André — 33, ca-

tólico, lavrador, Baden. C/c. Apolônia Krahner (18).

QUARTA TURMA

1 — Zimmermann — Gabriel, 22, católico, lavrador, Baden. C/c. Eva Bárbara Habitzreuter (24). Filhos: Virgílio (1 e meio) e Ana (1 e meio).

2 — Munich — Matias — 49, católico, lavrador. Baden. C/c. Maria Ana (44). Filhos: Berta (18); Guilhermina (16); Amália (15); Guilherme (12); Congunde (6).

3 — Bohn — José — 21, agregado do antecedente, católico, lavrador, Baden.

4 — Fischer — George Daniel — 55, católico, lavrador, Baden. Filhos: Margarida (21); Frederico (18). Amando (9) e Genoveva (8).

5 — Volker — Matias — 44, católico, lavrador. Baden. C/c. Júlia Erthal (50). Filha: Catarina (11).

6 — Heiler — José Felipe — 43, lavrador, católico, Baden. C/c. Bárbara (39). Filha: Gertrudes (17).

7 — Rupp — Tobias — 23, católico, lavrador, Baden. C/c. Ema Volker (17).

8 — Nitzel — Sebastião — 33 anos. Sem indicação.

9 — Jonne — Catarina Bárbara — 50, lavradora, católica. Baden. Filhos: Maria Rosa (23); Cristina (19). Netos, filhos de Maria Rosa: Eduardo (3) e Maria (1 e meio).

RESUMO APRESENTADO PELO DIRETOR

Turmas	Adultos	Menores	Famílias
1 ^a .	35	24	10
2 ^a .	92	40	32
3 ^a .	138	46	40
4 ^a .	25	6	8
Soma —	290	116	90

**OS ÚLTIMOS DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO
JOÃO ANDRÉ COGOY JUNIOR — JANEIRO DE 1862.**

(Ortografia original).

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE, EM 11 DE JANEIRO DE 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Acusando a recepção do Offício que V. Ex^a. se dignou dirigir-me, datado de 14 de Dezembro ultimo, em solução aos desta Directoria sob Nrs. 7 e 8, o qual só me foi entregue no dia 4 do corrente mez, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex^a., que, como o Snr. Barão resolveu hir pessoalmente dar parte de prompto, apresentando-se a V. Ex^a., deixei eu de seguir immediatamente, como me cumpria, a essa Capital, afim de receber da Thesouraria de Fazenda a quantia de 13:000\$000 para occorrer às despezas da Colonia nos mezes de Novembro e Dezembro findos. por encontrar grande difficuldade em achar uma pessoa que se quizesse encarregar de remetter-me esse dinheiro, correndo tão grandes riscos.

Deos Guarde a V. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia.

O Director Interino
ass^o. João André Cogoy Junior

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE, EM 13 DE JANEIRO DE 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Em virtude da ordem dessa Presidencia datada de 15 de Marco do anno passado cumpre-me participar a V. Ex^a., que nesta data retirão-se para a Colonia Theresopolis os colonos Frederico Rossbach e sua mulher, Christiano Horst, sua mulher — e um filho menor. Devo levar tambem ao conhecimento de V. Ex^a., que estes mesmos colonos já trabalharão de parceria na provincia do Rio de Janeiro, donde viérão para a dita Colonia Theresopolis e depois de ali se haverem demorado por algum tempo, resolvérão vir estabelecer-se aqui, e ainda não satisfeitos, querem outra vez voltar para lá.

Sobre a conducta do colono Frederico Rossbach alem de vadio, vive quasi sempre embriagado, não tendo razão alguma plausivel para abandonar sua colonia, bem como o colono Horst, tanto que tem havido outros colonos pretendentes a ella.

Nesta mesma occasião remetto ao Director da mencionada Colonia a conta da divida destes colonos para com o Governo na importancia de 198\$200, como consta das listas de subsidios e de jornaes, cuja

cópia existem nesta Directoria archivadas, e a de Horst, na de 190\$200.

Deos Guarde a V. Ex^a.

Exm.^o. e Revm.^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm.^o. Presidente da Provincia.

O Director Interino
ass.^o. João André Cogoy Junior

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE, EM 16 DE JANEIRO DE 1862

Exm.^o. e Revm.^o. Snr.

Sobre o incluso requerimento de Henrique Kreplin, tenho a honra de informar a V.^a. Ex.^a., que apenas me foi remettido pelo supplicante, um officio dirigido a V. Ex.^a., pedindo o pagamento da importancia dos serviços por elle feitos na medição dos lotes de terras, para que esta Directoria houvesse depor-lhe o — Visto, o qual entreguei ao Snr. Barão, afim de pedir-lhe, que juntasse o respectivo mappa e lhe dêsse as explicações necessarias a respeito da mesma medição porisso que as ordens aqui existentes, apenas autorizavão a fazer a demarcação de lotes de terras, que tinhão de ser distribuidos pelos colonos, ou a coadjuvar este trabalho, abrindo somente picadas de rumo a 80 reis a braça, como consta das mesmas ordens datadas de 7 e 11 de maio e 30 de agosto do anno proximo passado, e não a medir de novo os lotes que já se achavão medidos e distribuidos pelos colonos no rio Guabiruba segundo sou informado. O Snr. Barão que hontem seguiu para essa Capital, a apresentar-se a V. Ex.^a., com mais conhecimento de causa, melhor poderá informar sobre isto.

Deos Guarde a V. Ex.^a.

Illmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm.^o. Presidente da Provincia.

O Director Interino
ass.^o. João André Cogoy Junior

Exm.^o. e Revm.^o. Snr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento, e à benevola consideração de V.^a. Ex.^a: que o colono trabalhador em serviço publico na Colonia Brusque, recebéo até ao presente o jornal somente e maximo de 900 reis, visto, que as mais pessoas de sua familia, continuárão a receber os subsidios e relativos a ellas, durante e conforme o tempo concedido, de inteiros e meios subsidios desde as suas chegadas à Séde da Colonia.

Em virtude da Circular do Ministro d'Agricultura, do Commercio e das Obras-Publicas os colonos somente podem por em — diante receber o favor do abono de Subsidios por seis mezes, salvo em casos excepcionaes, e condicionalmente.

Em obediencia à referida ordem-circular, a maior parte das familias já não recebem mais subsidios alguns; ellas se compoem de 2

até 11, em muito moderado termo medio, de 4 a 5 pessoas. Destas, uma so pessoa poderá trabalhar nas obras publicas, visto que devem alternar com outras de outras famílias, e assim se occuparia unicos 10 dias no mez, se o tempo o permitir, o que lhe proporcionaria um ganho mensal de Rs. 9\$000, que mesmo, unicamente ajudado pela actual e primeira colheita não é por ora sufficiente para o sustento de 5 pessoas, não existindo se não poucos e rarissimos serviços de particulares escassos na vizinhança.

Sollicito pois com o maior respeito à V^a. Ex^a. Se Digne permittir de elevar os jornaes de 900 rs. até gradualmente 1.400 rs. nos Serviços Publicos conforme a qualidade destes e a capacidade do prestimo do jornaleiro colono, como nas mais Colonias menos rentas ou de mais recursos se paga. Deste modo estará o colono na possibilidade de poder alimentar a sua familia, estimulado por seu interesse individual à boms trabalhos que assim se tornam condicionaes, e julgo poder-se contar com a vontagem como certa, do mais veloz andamento e adeantamento das obras.

Deos Guarde a V. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

Desterro em 22 de janeiro de 1862.

ass. Barão de Schneéburg

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE, EM 23 DE JANEIRO DE 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V^a. Ex^a. que ha tres ou quatro dias, tem aparecido em diferentes pontos das proximidades da sede desta Colonia alguns bugres, que forão vistos por varios colonos nas suas roças e mesmo pelo Inspector das obras dos caminhos.

Não estando devidamente armados os soldados aqui destacados, tanto que apenas tem cinco ou seis espingardas, que merecem alguma confiança, segundo eu mesmo examinei, assim como não tem munição alguma, vendo-se por isso esta Directoria obrigada a mandar fornecer a polvora necessaria, para elles poderem fazer fogo no matto, afim de afugentar os ditos bugres, venho solicitar de V. Ex^a. a preciza ordem, não só para o suprimento das ditas armas e a munição, como para o augmento de mais doze praças, que penso seria prudente mandar-se, ao menos durante a presente estação, que he precizamente quando costumão a aparecer os bugres.

Deos Guarde a V. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dignissimo Presidente da Provincia

O Director Interino

ass^o. João André Cogoy Junior

**OS PRIMEIROS DOCUMENTOS FIRMADOS PELO
DIRETOR BARÃO DE SCHNEÉBURG EM JANEIRO
DE 1862**

**REFERIDOS DOCUMENTOS FORAM ESCRITOS NO DESTERRO, ON-
DE SE ENCONTRAVA O BARÃO, RESTABELECEENDO-SE DE GRAVE
MOLESTIA. DURANTE SEU AFASTAMENTO TEMPORÁRIO, JOÃO
ANDRÉ COGOY JUNIOR DIRIGIU OS DESTINOS DA COLÔNIA.**

(Ortografia original)

Exm^o. e Revm^o. Snr.

De tudo restabelecido da grave molestia, de que fui acometido, venho respeitosamente appresentar-me à Disposição e Ordem de V^a: Ex^a: para reasumir a Direcção da Colonia Brusque que me tem sido confiada pelo Governo-Geral, e que por Ordem desta Presidencia foi interinamente, em quanto durasse minha enfermidade, dirigida pelo Snr. João André Cogoy Junior, primeiro official da Delegacia especial das terras publicas da Provincia.

Deos Guarde a V^a: Ex^a:

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Cidade do Desterro em 21 de janeiro de 1862

ass.: **Barão de Schneéburg**

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tendo sido nomeado por mim e por consentimento verbal do Exm^o.: Snr. Vice-Presidente Dr. João José de Andrade Pinto, secretario da Colonia Brusque Guido de Sechendorf, e deixando este em tudo de merecer a minha confiança, não so por motivos, que me são pessoas, mas mesmo promovendo clandestinamente descontentamentos dos colonos e exigencias d'estes para com a directoria, o que sem dúvida tende à tirar a necessaria força moral d'esta, venho por isto com precató e com o maior respeito propôr à V^a: Ex^a: a demissão do referido secretario à bem do serviço e socego na Colonia.

Deos Guarde a V^a: Ex^a:

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Cidade do Desterro em 22 de Janeiro de 1862

ass.: **Barão de Schneéburg**
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Sendo de urgente necessidade a edificação da casa da Directoria na Colonia "Brusque" vou com todo respeito pedir à V^a. Ex^a., se assim por bem houver, de mandar pagar-me pela Thezouraria da Fazenda a quantia inteira, concedida para esses edificios, pois que a compra conjuncta dos materiaes, e o prompto pagamento economisa dinheiro e tempo, tãobem para com os operarios.

Deos Guarde a V^a: Ex^a:

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Desterro em 24 de Janeiro de 1862.

ass.: **Barão de Schneéburg**
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Venho respeitosamente pedir à V^a. Ex^a. que se Digne de ordenar que o destacamento militar na Colonia "Brusque" preste prompta obediencia e seja posta à immediata disposição do Director, o que considero como grande necessidade, com o qual levo e submetto o meu pedido a justiceira consideração de V^a.: Ex^a..

Deos Guarde a V^a: Ex^a:

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Desterro 25 de Janeiro de 1862

ass.: **Barão de Schneéburg**
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Para guardar com segurança as quantias consideraveis, notorias à todo mundo, que a Directoria da Colonia Brusque tem de receber trimestralmente para a despezas da mesma, provaveis a fazer, a casa actualmente da Directoria, sendo simplesmente um Rancho assoalhado, fechado em redor com taboas, de 20 palmos em quadro, com porta e janellas sem vidraça, coberto de folhas, não offerece segurança alguma tanto contra o fogo quanto contra qualquer agressor.

Considero pois como muita necessidade: um cofre forte para esse fim, e tanto mais que o Director visitando as colonias distantes e inspeccionando os trabalhos de caminhos, fica com ida e volta juntamente com alguma necessaria demora, hum dia inteiro ausente, e sempre com a perigosa inquietação sobre o denheiro, de que elle é depositário responsavel.

Submetto pois, com o maior respeito à Determinação de V^a. Ex^a.

o pedido: que se Digne mandar comprar uma caixa forte, que eu possa agora levar comigo à Colonia. A inclusa nota da casa Wellmann & Cia, aonde encontrei uma destas burras de ferro, declara o seu ultimo preço de Rs. 200\$000. Ella peza por cima de 34 arrobas.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.
Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Desterro 26 de Janeiro de 1862

ass.: Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

O pedido do Director interino da Colonia Brusque, sobre os necessários utensilios de agricultura, declarou serem precisos para a distribuição entre os colonos: 80 machados, 80 Enchadas, 80 fouces, huma duzia de picarettes e huma duzia de pás.

Por um equivoco entender, forneceo este somente: 28 machados) 26 enchadas) 26 fouces) que formão a totalidade conjuncta de 80 peças em lugar de 80 peças de cada especie; e forneceo tambem: 6 picarettes) 6 pás) uma duzia de peças, em lugar de 1 duzia de cada especie.

Pela grande necessidade da ferramenta pedida, cuja falta é tanto mais sensivel, por servir de desculpa principal aos colonos, vou rogar a V^a. Ex^a. Se Digne mandar emanar a necessaria ordem de ser me entregue o resto que falta para completar o mencionado pedido com 52 machados, 54 enchadas, 54 fouces e 6 picarettes e 6 pás, afim que eu possa leval-os comigo, quando o tempo permittira a minha partida.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
Desterro 26 de Janeiro de 1862

ass.: Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tendo de fazer o trajeto d'esta Capital à Villa d'Itajahy por mar em qualquer primeiro iate desconhecido, que deste porto sahir, e dali à Colonia Brusque e constando ao publico, logo tãobem à tripulação do Hiate, que levo quantia avultada comigo (Rs. 25:000\$000), vou respetosamente considerar e pedir à V^a. Ex^a. que Se Digne mandar ordenar:

que dous ou tres soldados de confiança, embarquem comigo e me acompanhem nesta viagem, para prevenir, ao menos para dificultar em fim para testemunhar e salvar junto comigo o denheiro do Estado contra qualquer attentado cobiçoso, que possa haver à bordo.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dmo. Presidente da Provincia de S. Catharina
Desterro em 26 de Janeiro de 1862.

ass. Barão de Schneéburg
Diretor da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tendo sido por Officio de V^a. Ex^a. demettido o Secretario da Colonia Brusque Guido de Seckendorf, vou por meio deste pedir a V^a. Ex^a. authorização para propor em lugar delle hum Guarda-Livros, porém Nacional, visto que assim convir à muitos respeitos, Dignando-se V^a. Ex^a. ao mesmo tempo determinar qual o ordenado annual que, deve vencer o referido empregado, afim de que possa scientificar ao propo-
nente.

Deos Guarde a V^a: Ex^a:

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dmo. Presidente da Provincia de S. Catharina
Cidade do Desterro em 29 de Janeiro de 1862.

ass.: Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Accusando a recepção do Officio de V^a. Ex^a datado de 29 de janeiro corrente, assim como a da informação do Inspector da Thezouraria sobre o meu pedido, dirigido à V^a. Ex^a. com data de 26 do mesmo mez de janeiro, relativamente à compra de um cofre forte seguro mesmo contra fogo, para poder guardar o denheiro do Estado remettido à Colonia "Brusque" para as despezas da mesma, venho respeitosamente submetter a V^a. Ex^a. a observação a cerca do meio aconselhado na mencionada informação (para por me a coberta de responsabilidade), que é inexecutavel, por o denheiro á guarda da meza de Rendas da Villa d'Itajahy afim de mandar vir nas occasiões necessarias as quantias precisas, e isto por eu não ter nenguem à quem repetidas vezes confiar essa commissão, nem quem gratuitamente quizesse, correr o risco e responsabilidade e as fadigas de viagens, a uma distancia por terra pela picada, muitas vezes intransitavel, de 8 horas, digo, leguas; para o que por via fluvial, se gasta ao menos cinco a seis dias, e não julgo proprio

e mesmo de insuficiente acerto, de utilizar-me dos soldados do destacamento para essas comissões.

Ouso por tanto levar de novo à consideração de V^a. Ex^a. o meu pedido.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

Cidade do Desterro 29 de Janeiro de 1862

ass: Barão de Schneéburg

Director da Colonia

AUTOBIOGRAFIA DO PASTOR JOHANN ANTON HEINRICH SANDRECZKI

I

Desejamos destacar nesta nota a notável concordância das memórias do Pastor, no que concerne às suas atividades na Colônia, com os apontamentos feitos por osvaldo R. Cabral em seu livro "Brusque" e com a síntese histórica do Centenário da Igreja Evangélica em "Brusque" que publicamos em 1965.

O Pastor Sandreczki situa-se na história de Brusque nos tempos coloniais como uma das mais extraordinárias atuações na consolidação, não somente de sua Igreja como também, e isso é importante, nos destinos da própria Comunidade Brusquense que então se iniciava.

Há pouco a S. A. B. deu início à coleta de dados biográficos não só de brusquenses já desaparecidos como também de contemporâneos. Esses registros servem para julgar, com justiça, a atuação que exerceram na vida comunitária. No trabalho de cada pessoa, homem ou mulher, considerados em conjunto, estão os alicer-

ces de uma Comunidade e devem ser lembrados para exemplo dos pósteros, dando-lhes o destaque que realmente merecem.

Ayres Gevaerd

Auto-biografia do Pastor Heinrich Sandreczki, escrito em setembro de 1909.

(Tradução de José Ferreira da Silva. De uma cópia pertencente à Sociedade dos Amigos de Brusque).

Nasci a 22 de setembro de 1837, em Hermópolis, na ilha grega de Sira.

Meu pai, o Dr. Carlos Sandreczki era de descendência polaca e nascera na Baviera e, ao tempo do rei Otto, esteve a serviço da Grécia como juiz regional em Sira, mas depois entrou para o serviço da "Chrch Missionary Society" (Sociedade eclesiástica Missionária) como diretor das Escolas da Sociedade em Sira.

Minha mãe, Jeanette Contouz, a zelosa protetora de minha infância, educada deste sua meninice no estilo alemão, era filha de um francês residente em Muni-

que e que estivera antes a serviço do Duque de Leuchtenberg.

Apesar das poucas ligações com a Alemanha, eu e os meus irmãos, longe desse país, fomos educados por meu pai profundamente alemães e eu convivia, além de com meus irmãos, com dois jovens, filhos do Missionário Mildner que também estava a serviço da mesma Sociedade que meu pai.

Meu pai foi o nosso primeiro professor em ciência e religião. Mais tarde ele, de acôrdo com o missionário Mildner, fizera vir da Alemanha um professor ao qual eu e meu irmão Max e os dois irmãos Mildner fomos confiados e que prosseguiu na nossa educação.

Meu pai foi transferido para a Ásia Menor e, primeiramente, localizou-se em Budjah, próximo a Smirna e, posteriormente, em Smirna mesma.

Em Budjah, nós, crianças, tínhamos um excelente local de brinquedos e, para as demais ocupações, nos espaçosos cômodos e varandas das grandiosas casas pertencentes à Missão que nós ocupávamos com o Pastor Wolters e que, além disso, eram cercadas de parreiras, árvores frutíferas e outras bonitas plantas, e que nós aproveitávamos ao máximo. O nosso professor era um certo senhor Pokorni.

Dois anos eu vivi, ainda, na nova pátria, na casa paterna. Então, meus pais resolveram mandar-me para uma escola na Alemanha e, segundo os planos de meu pai, para estudar medicina.

Como filho de missionário e em consequência da constante leitura dos jornais da Missão Calwer, mi-

nha fantasia preferia ocupar-se mais com as imagens da vida de missionário. Isso, entretanto, pouca influência teve então na minha decisão de acatar os desejos de meu pai, relativamente ao meu futuro.

Deixei, portanto, a casa paterna, sentindo dolorosamente a despedida. Meu destino era München. Ali eu deveria ir para a Companhia de meu avô Contouz. Relativamente aos estudos, fui pôsto sob as vistas e a orientação do meu tio, o barão Max du Prel, que era casado com a irmã de meu pai. Eu tomei-lhe grande estima, apesar da rigidez com que era tratado. Ali eu tive também oportunidade de aprender um francês correto.

Frequentar uma escola pública era coisa completamente nova para mim. Dominava ali um sistema pedagógico muito diferente do nosso professor particular Henning, em Sira. Entretanto, adaptei-me bem, embora de começo fôsse bastante difícil.

Passado o primeiro ano, o conselho do meu padrinho de batismo, Heinrich von Schubert, eu deveria entrar para um Instituto. Esse Instituto, em Augsburg, ao qual estava ligado um curso ginasial, era tido como o melhor para o estudo e a educação. Infelizmente, entre muitos alunos reinavam a rebeldia, a desobediência e o pouco caso por um estudo sério. Senti, então, fortes desejos de regressar a München e o tio Du Prel resolveu mandar-me novamente para um ginásio nessa cidade.

Pouco depois disso, meu pai decidiu o meu regresso ao lar paterno em Jerusalém, para onde

êle havia sido transferido pela Missão da Palestina, como secretário da Sociedade Missionária. O seu plano era mandar-me concluir os estudos na Inglaterra. Mostrei-me, porém, pouco interessado em seguir a carreira da medicina, a que êle havia me destinado e, por fim, decidi resistir-lhe.

Estava-me reservada uma direção mais alta.

A 21 de agosto, eu pús os pés no patamar da velha Casa da Missão Basiliense. Por quatro anos e meio fui aluno da Casa e ali recebi grandes benefícios para a minha vida interior e exterior.

A 21 de fevereiro de 1864 fui ordenado em Hürtingen, Württemberg, pelo decano Sotck. Mas não fui destinado como missionário entre os pagãos, como era meu desejo, mas como pregador para colonos alemães no Brasil.

O governo, então ainda imperial, do Brasil, havia se comprometido de manter pastores evangélicos nas suas colônias e a estipendiá-los. E quando, anteriormente, solicitações a êsse respeito,

através do Cônsul de Baden, no Rio de Janeiro, já haviam chegado à Sociedade Missionária de Baden, alunos dessa Casa já haviam sido enviados para o Espírito Santo e Santa Catarina. E quando outra solicitação se repetiu no ano de 1864 fomos eu e Hermann Reuther, destinados, êste para Santa Isabel, no Espírito Santo e eu para Itajaí-Brusque, na Província de Santa Catarina.

Muito bem preparados pela Casa Missionária, empreendemos, em março do mesmo ano, a viagem para o oeste lingüquo, através de Paris e Le Havre. Conosco viajou a senhorita Ana Groben, noiva do pastor Karl Wagner, do Rio de Janeiro. Em Le Havre embarcamos num veleiro que se achava pronto para largar o pôrto sob o comando de um amável francês.

Viagem muito calma levou-nos em 40 dias, 11 dos quais praticamente parados em virtude de calmarias no equador, ao Rio de Janeiro, onde desembarcamos em começos de maio.

(Continua)

Administração da Sociedade Amigos de Brusque

— para o biênio 1977/1979, eleita em Assembléia Geral Ordinária realizada a 30 de julho de 1977:

Presidente: Ayres Gevaerd

Vice presidente: Horst Schlosser

1º. secretário: Guilherme Strecker

2º. secretário: Júlio A. Gevaerd

1º. tesoureiro: Antônio Cervi

2º. tesoureiro: Edmundo Belli

Conselho: Dr. Guilherme Renaux, Cyro Gevaerd, Manfredo Hoffmann, Pe. José A. Besen e Alexandre Merico.

Suplentes do Conselho: Aderbal V. Schaefer, Armando E. Polli, Paulo Bianchini, Lindolfo Weingartner e Álvaro F. Martins.

A PRIMEIRA BANDA MUSICAL DE BRUSQUE



1874 — Primeira Banda Musical de Brusque, sob a direção de Augusto Maluche. Em contrato para abrilhantar a festa de Pascoa de 1874 da Sociedade de Atiradores, lhe rendeu trinta mil réis

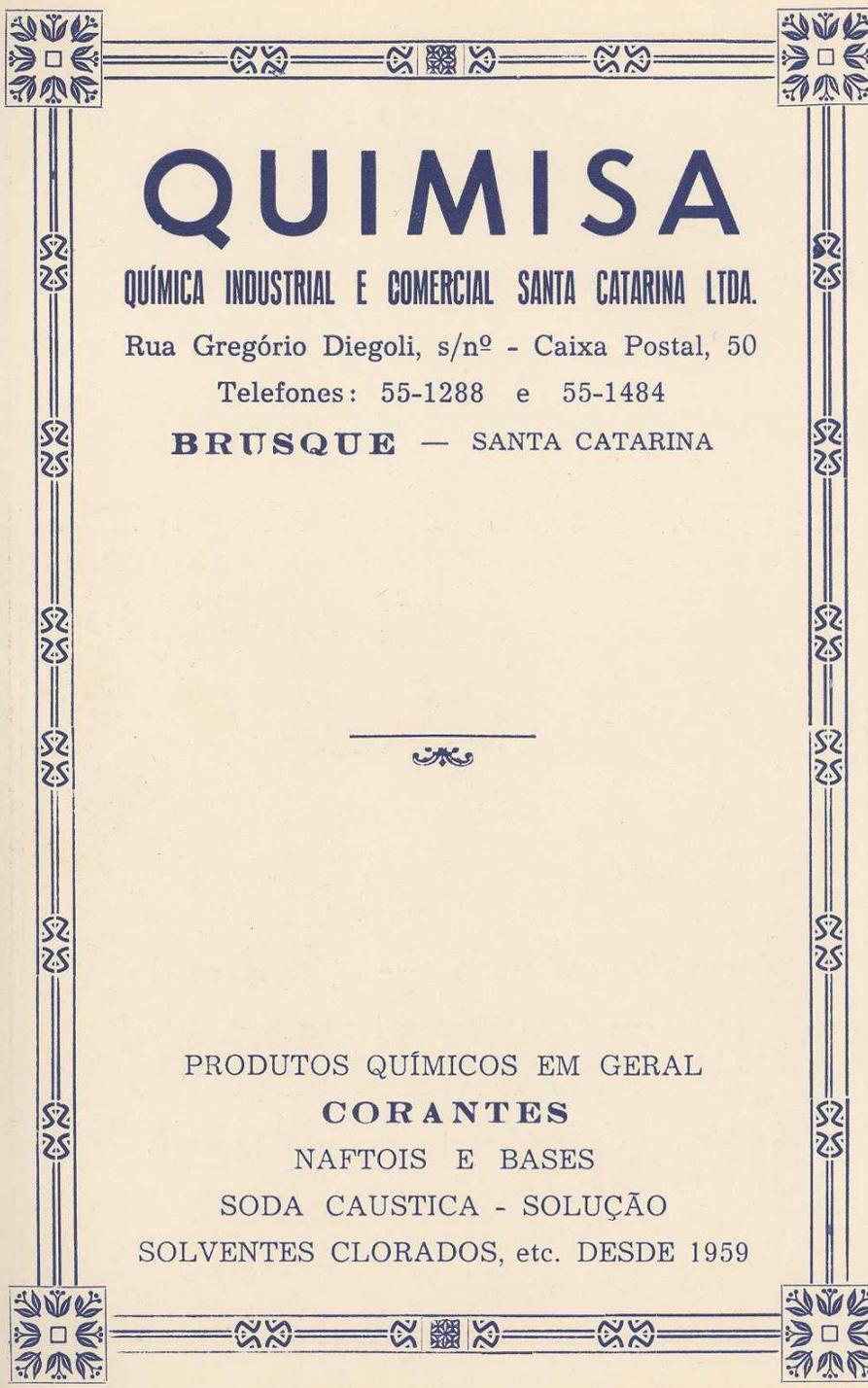
A continuidade desta Revista sómente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Terceiro número — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral da

QUIMISA QUÍMICA INDUSTRIAL E COMERCIAL
SANTA CATARINA LTDA.

BRUSQUE — SANTA CATARINA.



QUIMISA

QUÍMICA INDUSTRIAL E COMERCIAL SANTA CATARINA LTDA.

Rua Gregório Diegoli, s/nº - Caixa Postal, 50

Telefones: 55-1288 e 55-1484

BRUSQUE — SANTA CATARINA



PRODUTOS QUÍMICOS EM GERAL

CORANTES

NAFTOIS E BASES

SODA CAUSTICA - SOLUÇÃO

SOLVENTES CLORADOS, etc. DESDE 1959